

Economia

Brasil

Estoques de produtos, aplicações no mercado financeiro, redução de gastos domésticos: vale tudo para driblar a louca corrida da inflação.

O desafio é salvar o orçamento familiar

A inflação é um monstro que não faz distinção de classes: ataca ricos, remediados e pobres, e todos têm que procurar as armas ao seu alcance para combater seus efeitos catastróficos no orçamento familiar. Fazer estoques é um dos recursos disponíveis, que tanto pode ser usado por um humilde zelador de prédio como por um próspero executivo. A situação também induz até donas de casa a se transformarem em investidoras, acompanhando atentamente as oscilações do mercado financeiro. E a necessidade de economizar tanto pode reduzir as idas ao cinema e as compras de roupas, adiar a reforma de uma casa ou a troca do carro como inclusive levar o presidente da Federação das Indústrias de Salvador a vender sua escuna.

É claro que um industrial desse porte é menos afetado por tantos problemas, mas Orlando Moscozo afirma que precisou adequar seu padrão de vida à realidade do país. Dos cinco empregados que tinha em casa, ficaram dois. E a escuna que servia para receber os amigos em alto mar, com intermináveis rodadas de uísque importado, foi vendida. "Hoje, frequento as escunas dos amigos", comenta ele, bem humorado. "Mas não vivo pior por causa da inflação", reconhece.

Quem vive de salário mínimo na capital baiana — cidade onde o custo de vida é dos mais altos no País — passa por situações muito mais complicadas. É o caso da empregada doméstica Margareth Campos, de 27 anos. Viúva, ela preferiu deixar sua filha Gabriela, de 3 anos, na casa da avó, no município de Rui Barbosa, a 310 quilômetros de Salvador. "Lá, minha filha vai crescer com mais fartura", garante.



A mineira Maria de Fátima leva com rédea curta o orçamento familiar, tarefa em que a gaúcha Zélia vem se dando bem.

Para sobreviver com o salário — do qual uma parte é remetida para as despesas da menina, Margareth chegou a uma conclusão: "Não adianta nem pensar em alugar uma casa, tenho de morar na casa dos patrões para me livrar do aluguel. Assim, também não gasto com alimentação".

Em Porto Alegre, não é apenas o primeiro nome que a dona de casa Zélia Martins Vieira tem em comum com a virtual ministra da Economia do futuro governo, Zélia Cardoso de Mello: administradora do orçamento da família — aposentadoria do pai (ex-portuário), pensão herdada da mãe e o salário da irmã, auxiliar de enfermagem —, ela também vive

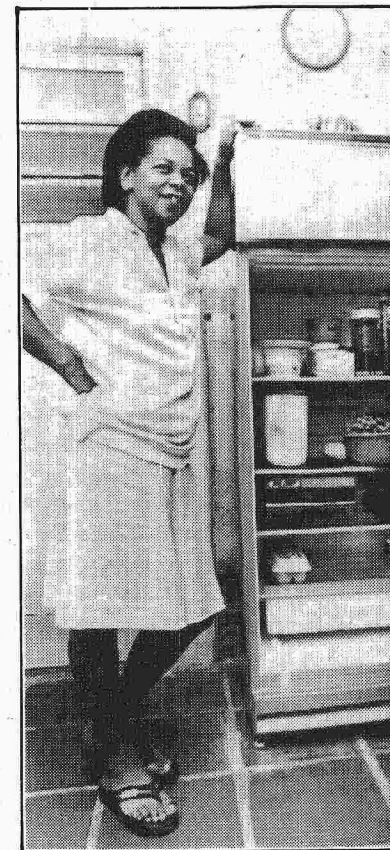
preocupadíssima com a inflação. Em dezembro, a receita total mal chegou aos NCz\$ 10 mil.

Milagre de Zélia

Mesmo assim, desde julho do ano passado, com o dinheiro que aplicou no over Zélia já acrescentou ao patrimônio familiar um aparelho de televisão, outro de videocassete e um freezer. No início de cada mês, ela recolhe o dinheiro, faz as compras indispensáveis — estocando alimentos não perecíveis — e investe o resto no over. Quinze dias depois, retira os juros e aplica a remuneração extra que a irmã recebe cuidando de doentes em domicílio. "Pobre economiza porque não gasta em cabelereiro e jóias de madame", desfere a pri-

ma Sandra, uma fiel seguidora da receita econômica de Zélia.

Em Belo Horizonte, o casal Venustiano e Maria de Fátima Martins, com quatro filhos menores, também precisa de jogo de cintura para superar as dificuldades. Veterinário com duas pequenas clínicas em sociedade, Venustiano tem casa própria no centro da capital mineira, mas não tem carro, "senão o orçamento não fecha", segundo Maria de Fátima, que nem por alto revela o salário do marido. Seja qual for, a economia já começa quando ela leva todo dia, a pé, as duas filhas a uma escola particular próxima, na qual gastam NCz\$ 800,00 mensais.



Carlos Rodrigues/AE

As despesas também são reduzidas pelo fato de a própria Maria de Fátima cuidar da casa. Mesmo assim, restringiram os gastos com lazer — poucas vezes vão ao cinema e ao teatro, e sacrificaram as compras de livros, discos e roupas, agora em torno de NCz\$ 1 mil ao mês. O pequeno Bruno, de 1 ano, trocou as fraldas descartáveis pelas de pano. Compras regulares de danoninho, queijo, salaminho e outros superfluos também são coisas do passado. A carne de primeira virou de segunda e a poupança na caderneta emagreceu.

Em Florianópolis, aplicar imediatamente no overnight foi a saída que o diretor da Cerâmica

Portobello, Glauco José Corte — casado e com três filhos — encontrou para proteger seu salário da inflação. Só uma parte da sua renda vai para a poupança, já que tem planos de investir num imóvel. Ele tem feito estoques de mantimentos e cortado gastos que considera supérfluos, como comprar roupas da moda. "Abolimos a moda, e preferimos muitas vezes reformar nossas roupas."

Futuros imprevisíveis

Outra decisão de Glauco foi diminuir a frequência aos restaurantes e suspender as viagens que fazia duas ou três vezes ao ano pelo País, e eventualmente para o Exterior. "Somos de uma geração que está sendo impedida de usufruir um pouco de lazer. Temos que fazer reserva para enfrentar um futuro imprevisível", queixa-se ele. Por isso, na hora de ir às compras, calcula sempre o que lhe trará mais vantagem: se a compra a vista, com os supostos "descontos", ou o financiamento, usado nos casos que não ultrapassem a expectativa de inflação.

Ao jornalista Wilson Libório de Medeiros — casado, e com dois empregos para dar conta de 5 filhos — também sobra dinheiro no final do mês para aplicações — parte na poupança, parte nos fundos de curto prazo. É outro que faz estoques de produtos. E só compra a vista, a não ser artigos mais sofisticados e caros.

Libório trocava de carro há cada dois anos. Hoje, tem um há cinco, e só vai poder trocá-lo este ano graças a um consórcio. "Antes, a gente dava o automóvel antigo de entrada e ficava devendo apenas três ou quatro prestações", recorda, com saudades de uma época que a inflação faz parecer cada vez mais distante.